



Eleições 2024

Atual polarização projeta novo mapa político na Grande SP

— Siglas como MDB, PSD e União Brasil buscam ocupar o vácuo deixado pelo PSDB; PT tenta recuperar espaço

JULIANO GALISI
KARINA FERREIRA

A polarização entre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) terá impacto nas eleições de 2024 na Grande São Paulo e deve alterar o mapa político da região. Enquanto o PT quer retomar espaço no comando das cidades e o PL pretende aproveitar o capital político do seu principal nome, partidos como MDB, PSD e União Brasil buscam ocupar o vácuo deixado pelo PSDB, que viu o perfil do seu eleitor mudar desde a chegada do bolsonarismo ao jogo político.

O comando dos 39 municípios da Grande São Paulo costumava se dividir entre tucanos e petistas. Essa dinâmica mudou para o PT após 2014, com a crise na imagem da sigla decorrente das manifestações de rua, dos escândalos de corrupção e do impeachment de Dilma Rousseff. Em 2012, o partido elegeu prefeitos em dez cidades da região, enquanto no pleito seguinte só conseguiu manter uma prefeitura, a de Franco da Rocha. Nas últimas eleições municipais, apenas Mauá e Diadema foram conquistadas pelos petistas.

O PSDB manteve a hegemonia, como partido com maior número de prefeituras na região. Contudo, a legenda sofre uma debandada de filiados, atraídos por outras siglas. Especialistas ouvidos pelo **Estado** pontuaram que a eleição de outubro será a primeira em que a força do apoio de Bolsonaro poderá se refletir nas urnas no âmbito municipal. O bolsonarismo deverá disputar o voto da direita, historicamente endereçado a partidos mais tradicionais no Estado.

Para a professora de Ciência Política da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e coordenadora do Laboratório de Partidos, Eleições e Política Comparada (Lappcom), Mayra Goulart, as eleições municipais devem ser compreendidas como vias de mão dupla no que diz respeito aos interesses das siglas e dos candidatos. En-

quanto os dirigentes de partidos nacionais agem para consolidar cabos eleitorais, líderes locais pleiteiam grupos políticos capazes de fortalecer a votação e atender financeiramente às demandas da região. “Os atores nacionais têm muito interesse e jogam muito pesado na atração dessas lideranças locais”, disse Mayra.

A escolha de prefeitos e vereadores, segundo a pesquisadora, prepara o terreno para a eleição de deputados federais, na medida em que mantém o vínculo de quem está em Brasília com suas bases. É a eleição dos congressistas, pela legislação eleitoral, que determina o acesso a recursos dos fundos Partidário e eleitoral, o que torna a dinâmica nacional dependente do processo local.

CENTRO-DIREITA. Levantamento exclusivo do **Estado** com a série histórica de dados eleitorais na Grande São Paulo mostra que, desde 2000, as eleições municipais foram marcadas pelo predomínio das forças políticas do centro à direita. A sigla com a maior representatividade foi o PSDB.

No entanto, o partido vem perdendo bases locais. Após a janela partidária deste ano, por exemplo, houve uma debandada de todos os integrantes da bancada tucana na Câmara Municipal de São Paulo. “O PSDB é um partido que perdeu a capacidade de engajamento de suas bases porque o perfil do eleitor à direita mudou”, disse Mayra.

Se antes a sigla era a principal força política da oposição aos governos federais do PT, o

que a tornava atrativa para líderes locais que pleiteavam o voto antipetista, o perfil desse eleitor mudou a partir das eleições gerais de 2014 e com a ascensão de Bolsonaro.

Mayra destacou que os tucanos, que mantinham diretrizes historicamente associadas ao centro e à esquerda, durante a década de 2010 também guinaram à direita. Mesmo assim, o partido não conseguiu mais contemplar as reivindicações de um eleitorado que se reconfigurou. “A direita mais extrema, mais enfática nos termos de suas preferências políticas, começa a tomar o lugar da direita tradicional, ocupado pelo PSDB”, afirmou a cientista política.

OUTRAS LEGENDAS. O impasso de identidade, agravado na última década, fez com que o vácuo de representatividade da sigla tucana na Grande São Paulo fosse preenchido por novas legendas. PSD, MDB e União Brasil são as siglas que tendem a incorporar a maior parte do “espólio” de prefeituras originado com o declínio dos tucanos.

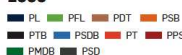
O MDB é uma força política tradicional e com bases consolidadas em todo o País. Consultado pelo **Estado**, o diretório estadual da sigla informou que, até o momento, articula 11 pré-campanhas a prefeito na Grande São Paulo. O foco da legenda na região será reeleger Ricardo Nunes na capital paulista, mantendo-se no comando da maior cidade do País por mais quatro anos.

A despeito da representatividade no território nacional, no Estado de São Paulo e na própria região metropolitana da capital, o partido nunca chegou ao comando do Executivo paulistano por meio do voto direto. Último prefeito da sigla antes de Nunes, Mário Covas assumiu a Prefeitura em 1983, durante a ditadura militar, quando ainda vigorava a norma de os mandatários das capitais serem indicados pelos respectivos governadores. Covas foi indicado por Franco Montoro, governador paulista pelo MDB. Já Nunes, então vice-pre-

HISTÓRICO

O comando das prefeituras da Grande São Paulo por partido, de 2000 a 2020

2000



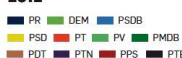
2004



2008



2012



2016



2020



FONTE: TSE / INFOGRÁFICO: ESTADO

feito, assumiu a Prefeitura de São Paulo em 2021, após a morte de Bruno Covas (PSDB), reeleito no ano anterior.

O PSD surgiu em 2011 e se

consolidou ao longo da última década como uma das principais legendas do País. Pesou a favor a direção de Gilberto Kassab, atual secretário de Relações Institucionais do governo de São Paulo. “O PSD, hoje, já se tornou o maior partido em número de prefeitos do Brasil”, disse o cientista político Antonio Lavareda.

Kassab não só é um articulador de destaque como é egresso da política paulista, uma das razões pelas quais o partido cresceu em todo o País — quase cinco vezes, segundo Lavareda —, e de forma ainda mais vertiginosa no Estado paulista. “O partido que tem mais prefeitos hoje, já sentados na cadeira, boa parte deles pré-candidatos à reeleição, dificilmente não terá um grande número de prefeitos reeleitos”, afirmou. Segundo o diretório estadual do partido, pelo menos 16 pré-candidatos vão concorrer ao pleito de outubro para os cargos de prefeitos na Grande São Paulo.

ESTREIAS. Quanto ao União Brasil, partido originado com a fusão entre o Democratas (DEM) e o Partido Social Liberal (PSL), em outubro de 2021, espera-se um “teste de fogo” nesta que será a primeira eleição com a nova configuração da sigla. A legenda historicamente se notabilizou pela capacidade de angariar lideranças locais, se mantendo capilarizada nos rincões do País.

Para Lavareda, o grupo se expandiu para além da soma de forças entre o DEM e o PSL. “O partido cresceu com a adesão de prefeitos desde 2021”, disse ele. Para o cientista político, a sigla pode se consolidar ainda mais nas eleições deste ano. Além de MDB, PSD e União Brasil, outras legendas correm por fora na região, como o PP e o Republicanos, que também se estruturou ao longo da última década e, atualmente, abriga o governador do Estado, Tarcísio de Freitas.

Se a hegemonia tucana na Grande São Paulo se deveu ao fato de o PSDB ter sido, durante muito tempo, o principal polo da oposição aos governos petistas, espera-se que, neste ano, esse potencial de votos venha a ser explorado pelo PL. Em 2024, o bolsonarismo pode ter seu primeiro teste nas urnas em uma eleição municipal.

Naquela eleição, Bolsonaro era presidente, mas já estava rompido com o PSL, sigla pela qual havia sido eleito em 2018, o que afetou as possibilidades do então mandatário influenciar nas disputas municipais pelo País. “O PL é comandado por um expert em política (Valdemar Costa Neto, presidente nacional da sigla), profundo conhecedor e com muito controle da legenda”, afirmou Lavareda. “É o típico animal político.” ●

Pré-candidaturas

17 é o número de prefeitos que o PT planeja eleger na Grande São Paulo em 2024, depois de a sigla ter conseguido apenas duas prefeituras em 2020